

# Matemática aumenta eficácia dos Serviços de Urgência

**Um investigador português desenvolveu um método pioneiro para reduzir o tempo de espera nas Urgências Hospitalares. Testado num hospital de Nova Iorque, o projecto revelou-se promissor**

Joana Bogalho

João Luís Soares, 39 anos, professor auxiliar do departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, faz parte da equipa que estudou as listas de espera dos Serviços de Urgência, resultando num projecto que poderá aumentar a sua eficiência. O estudo foi feito nos Estados Unidos da América e, além do português, participaram uma professora especialista em listas de espera, Linda Green, e dois médicos, todos oriundos daquele país.

A iniciativa partiu do Columbia-Presbyterian Hospital de Nova Iorque quando, em 2002, se dirigiu à perita, no sentido de resolver a questão do tempo de espera dos utentes. O problema, além do elevado tempo que cada usuário aguarda até ser atendido, reside no número de pessoas que desistem de esperar pelo atendimento.

## **Estudo não desperta interesse em Portugal**

A análise é inovadora, assumindo que "as



*Estudo matemático reajusta escalas de trabalho médico para melhorar o atendimento aos utentes*

filas de espera têm oscilações, pois há momentos com mais procura e outros com menos", referiu João Luís Soares, contactado por Linda Green para integrar a equipa. O docente explica que se trata de "um conjunto de equações que alia uma previsão da afluência às urgências ao número de médicos de serviço". O professor conclui que o estudo permite comparar escalas de trabalho para escolher as mais eficazes.

O modelo foi aplicado no hospital nova-iorquino, alcançando resultados surpreendentes: o número de pessoas que usaram o serviço de urgências aumentou 6,3 por cen-

to, enquanto o número de utentes que desistiram de ser atendidos diminuiu 18 por cento. Sem aumentar os custos com os profissionais de saúde, optimizaram-se recursos, através da redistribuição de turnos. O investigador considera que a iniciativa pode ser realizado em qualquer hospital, mas "é mais aplicável num serviço restrito, onde o impacto é maior".

Em Portugal ainda nenhum hospital se mostrou interessado, situação que o cientista considera "normal, pois é um trabalho muito recente, mundialmente inovador e pouco divulgado no País".

MÓNICA MARQUES PÓPULO